

Marcus Alexandre Motta (UERJ)

BERNARDO, Gustavo. *A dúvida de Flusser – literatura e filosofia*. (Editora Globo, 2002)

Olho mais a região desta “delicada dúvida” de Gustavo Bernardo; e faço, não o querendo fixar nos encerramentos que um livro precisa ter; pois nele também terminam as questões do leitor e todas as derivações potenciais de conflito na leitura. Obra delicada, digo, na medida do próprio título, onde a autoria professa-se através da tênue textura que se reconhece no sutil custeio do diálogo – a escrita.

Dedica-se o autor à tarefa; e nem sei se há mais de Flusser em Gustavo ou se Bernardo é tão mais urbano no discernimento do que poderia ter sido Vilém (pois o trabalho responde a anos de empenho). Nem por menos e nem por mais, o livro acontece aclimatando a *interrogação* conforme a leitura se debruça na polidez e qualidade do texto. É como se o autor estivesse a recomendar não apenas um encontro nos “ensinamentos” de Flusser, mas o embate com eles e o seu possível retorno no caso de haver escutas.

O que de fato fica deste livro dedicado às “reflexões inquietantes” de Vilém Flusser é a respeitável fé que o autor sustenta, junto ao próprio “personagem”, como *preces* da linguagem. Isto quer dizer: a noção de que, embora as palavras encontrem-se, de certa maneira, em exílio, a esperar como *pequenos portais de acesso ao desconhecido*, elas são a própria resistência à tentação do ceticismo que se promove apenas sob um risco, a loucura.

Esta confiança faz com que Gustavo Bernardo nem permita deixar Vilém só, nem solicitar um triunfo filosófico de Flusser – o que poderia indicar a vitória sobre o humano. Para o autor, e porque

não dizer para o parceiro do seu livro, o que se enfatiza é a *tradução* do pensar liberto; ou seja: colocar, recolocar, repetir, substituir e nada negar, prontamente, a todo e qualquer momento. Sente-se inclusive quão a dor biográfica de Vilém mantém-se autopresente no texto de Bernardo; pois tal situação do “personagem” no livro configura as necessidades da vida e da arte estarem além daquilo que posso aqui chamar, na falta de outro termo melhor, de juízo moral – em suas infundáveis colorações de controle.

De algum modo, o livro *A dúvida de Flusser: filosofia e literatura*, segundo sua qualidade indiscutível e valor sem simples medida, autentica um apelo de leitura que o autor declara com grande delicadeza na escrita, sabendo, de antemão, que o pensamento de Flusser não passa ao longe do modo de agir comum dos homens; o que significa ter a linguagem não como concordância de opiniões, mas formas de vida. É isto: formas de vida, marcação de critérios no que diz respeito a outras formas, num ativo ato de decepção sobre os próprios critérios e a própria linguagem.

Dessa maneira, o belo trato narrativo do livro de Gustavo Bernardo se afeiçoa aos títulos dos capítulos – tons de escrita. Ora, compreender alguém é reconhecer que cada um só tem suas distâncias para dar culto ao próximo. Assim, o ato da compreensão em Gustavo Bernardo evidencia a imediata garantia de que a assinatura Vilém Flusser não é a indicação da pessoa Vilém Flusser, mas desenhado aleatório de um domínio de pensamento, linguagem, sob a tutela, em sempre completo risco, de outro domínio, Gustavo Bernardo.

Então, as palavras que nominam cada parte do livro apresentam o clímax que uma forma de vida obtém na sua transfiguração em outra; por fecunda distância. Os títulos dos capítulos – *Homem, Ceticismo, Fenômeno, ..., Poesia, Prece e Dúvida* – são estaturas que se estabelecem enquanto palavras-valise, numa disjunção que arbitra, por desvios, a gama de trajetões; onde a idéia do livro não conta somente a sua “história”, mas a abrangência do “anseio” poético em Flusser: *não imaginarás*.

Se bem entendo, a posse da linguagem é uma sofisticada forma de vida para Flusser, e algo bastante próximo ao predicado intelectual de Bernardo. O que poderia me permitir, como leitor de

gostos e gestos herméticos, que o *não imaginarás*, recobra a idéia de que pensar uma linguagem significa conceber uma forma modificada de “vida falante”, suspendendo *por um instante a crença na própria imaginação*.

O que de certa maneira faz da literatura e da filosofia em Flusser, algo bastante presente no livro, uma luta contra o enfeitamento do intelecto pelos meios da linguagem. Daí, digo ser a necessidade de um excesso de poesia, sempre atuante na escrita de Gustavo Bernardo, o aceno da generosidade do autor em oferecer correspondência às obras de Vilém Flusser como constante início da liberdade.

E se assim o é, as formas de vida, Flusser e Gustavo, só podem confiar o “espírito humano” à linguagem, caso a escrita transfigure-se numa contemplação em fuga. A cada andamento no livro, o leitor participa deste escape; o que significa *não formalizar os problemas para não esterilizá-los*.

Na contemplação em fuga, a escrita esforça-se para visualizar o não condicionado – tão bem expressa na epígrafe de todo o livro: *a poesia aumenta o território do pensável, mas não diminui o território do impensável* (Flusser) – exercendo no leitor uma atração que brota do fato de que Gustavo Bernardo estende a sensibilidade da leitura até as exigências do seu próprio âmbito; o que nos permitir olhar além de nós até o abismo de nossos preconceitos. Evidentemente, esta forma de vida, o livro de Gustavo Bernardo, acaba reconhecendo que a tensão psíquica entre sensibilidade e intelecto, tradição kantiana por excelência, é o gesto pelo qual o conflito da linguagem contra ela própria se escamoteia.

Então, o simplesmente literário é improcedente para a escrita de Flusser, como é para Bernardo; ao mesmo tempo em que o reconhecível filosófico o é para qualquer coisa chamada filosofia. O que seria o mesmo que falar que a filosofia e a literatura, entendida nas estaturas de Flusser e Bernardo, são faculdades de responder; o que faz delas um nada que está acontecendo como um todo, não havendo uma narrativa única a ser relatada, cuja importância ficcional, na cultura que descreve, está acontecendo corriqueiramente – sem melodrama.

Por fim gostaria de me ater ao último capítulo, “Dúvida”, no qual o autor realiza *um esforço de síntese*. Faço convertendo as idéias de Gustavo Bernardo numa *tradução* que não cabe bem numa moral de resenha. Mas isso acontece porque tecer elogios ou críticas finais ao trabalho do autor seria ser vítima fácil da auto-ironia.

Sendo assim, passo a buscar um *exuberante* após a leitura do livro. Devo, de imediato, agradecer a sutileza dos aparatos retóricos que povoam as últimas páginas. A *dúvida da procura* consagra o autor nas poses de suas distâncias. No sustento da ficção filosófica de Flusser, Bernardo traça a sua angústia num espaço que dispensa o grosseiro otimismo e o pessimismo aceitável. Gustavo permanece nelas como uma forma de “vida falante”, *traduzido* numa outra e mesma língua, que não é aquela que havia adotado ao longo do trabalho.

Está a colher no ambiente das preocupações intelectuais de Vilém Flusser, espasmos poéticos para a própria luta, realizando uma exposição de fé crítica, *portanto contraditória nos próprios termos*. Mas a ação de Bernardo, o objetivo da batalha, é a insistência nômade na tríade indiscutível das línguas ou realidade, *sujeito, objeto e predicado*. Se isso tem a ver com Flusser, por demais simplificado se torna. No âmago das distâncias, que são as poses do autor, Gustavo Bernardo subtrai da ficção filosófica de Vilém o clima da interrogação – que agora é seu.

Nestes, *o lugar da poesia e da conversação* é a distância como choque. Ou seja: na *festa-mestre, a língua*, talvez algo nos faça outro. Caso esta possibilidade seja crítica, já o é de alguma maneira por ser dita na honestidade intelectual de Bernardo, o turbilhão de diálogos não se faz à beira da fonte; mas na adjacência de uma espantosa abertura – *abismo*. Muito perto, em vias de nascer, a narrativa de Bernardo para Flusser, cumpre o ditame poético – a coragem.

Claro. A palavra é esta, pois a *aventura que é o pensamento* impõe a tarefa de sacrifício em não *viver a loucura orgulhosa de querer dominar o de tudo diferente com o nosso pensamento*. Mas de quê exatamente procede tal imagem, confirmada em todo texto de Gustavo Bernardo? Em que nível opera? Na ambigüidade da supera-

ção do dilema da crença e da tautologia, através do poder de uma dupla distância poética nas quais se escreve ou se conversa. Melhor: no ato de jogar, sem a identidade do feliz que vê a vida passar e sem os encantos paradisíacos de nossos confortos de pensamento.

Mas como? Despertando a língua do seu sonho familiar, de maneira que ela viva um quê de *dança* estranha. Gustavo Bernardo, numa fina letra produz um capítulo de passagem: nada é cedido às falsas certezas do presente, nada é abandonado às duvidosas nostalgias do passado, nada cai em descuido – pois, evita o “sucesso intelectual” – nada se faculta no sacrifício aos sonhos substantivos; *lógica do mundo*.

E vou terminando. O último capítulo do livro de Gustavo Bernardo é por direito qualitativo uma ultrapassagem em forma original e, porque não dizer, originária. Cumpre a tarefa de se pôr em arte, todos os outros capítulos, como se apresentasse o primeiro, “homem”, numa amplificação comensurável no diverso, ele, o autor.

Mas se há uma fina letra de Gustavo para Flusser é porque o primeiro escolhe a contemplação em fuga. O que se traduz neste último capítulo como o derradeiro espetáculo da transfiguração de uma forma de vida em outra. Quando rememoro a seguinte frase – *o intelecto deve se sacrificar em prol de intelecto diminuído, sem receber compensação por isso. A disposição para este sacrifício não encontra, como seria de esperar, multidão de adeptos. No entanto, essa atitude absurda se impõe* – tenho a nítida sensação que o meu trabalho, a partir da leitura, é, surpreendentemente, um esforço de evitar a confusão entre as minhas verdades e meus preconceitos.

Se posso então fazer isto é porque a causa da influência do livro de Gustavo Bernardo me faz desobedecer aos meus imperativos e aprender que no movimento da delicadeza está cumprido um princípio. Princípio que sustenta na diferença (*horizonte da dúvida*) a mais que evidente postura de alguém que antes de ler dimensionava este tipo de trabalho no ambiente espelhado do seu ego. Logo, posso dizer: para os anos futuros ouse esperar que, embora mudado, sem dúvida, eu não seja o mesmo quando pela primeira vez estive entre as suas palavras; pois as minhas se transformaram *simultaneamente* *pletóricas e insuficientes*.